

AS RAÍZES POPULARES NA PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL E SEUS IMPACTOS NO LEITOR: ANÁLISE DA OBRA *CONTOS DE ENGANAR A MORTE*, DE RICARDO AZEVEDO

DATA DE RECEPCIÓN:  
03/11/2016

LAS RAÍCES POPULARES EN LA PRODUCCIÓN LITERARIA INFANTIL Y SU IMPACTO EN EL LECTOR: ANÁLISIS DE LA OBRA *CONTOS DE ENGANAR A MORTE*, DE RICARDO AZEVEDO

DATA DE ACEPTACIÓN:  
20/04/2017

POPULAR ROOTS IN CHILDREN'S LITERARY PRODUCTION AND ITS IMPACT ON THE READER: ANALYSIS OF THE WORK *CONTOS DE ENGANAR A MORTE*, BY RICARDO AZEVEDO

*Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira*

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Câmpus de Assis  
(Estado de São Paulo - Brasil)  
[eliane@assis.unesp.br](mailto:eliane@assis.unesp.br)

*Ricardo Magalhães Bulhões*

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS - Câmpus Três Lagoas  
(Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil)  
[ricardoufms1@gmail.com](mailto:ricardoufms1@gmail.com)



**Resumo:** Tem-se por objetivo neste texto apresentar uma possibilidade de leitura da obra *Contos de enganar a morte* (2003), de Ricardo Azevedo, na qual se considera o papel do leitor e da linguagem híbrida, resultante da junção de dois discursos: o literário e o da tradição popular. Para a consecução do objetivo, pretende-se apresentar uma reflexão fundamentada pela estética da recepção acerca do que propicia o prazer na leitura e quais elementos determinam o papel do leitor implícito. Constrói-se, neste texto, a hipótese de que a estratégia do escritor em resgatar a cultura, pela apresentação de contos breves e cômicos, retirados do imaginário popular, tanto permite ao seu leitor contato com um texto atraente e lúdico, quanto lhe faculta a ampliação de conhecimentos e de conceitos prévios, por meio do emprego da memória. Norteia a análise dessa obra, a concepção de que a leitura literária pode atuar como fator de valorização da identidade do jovem leitor, pois por meio dela, ele é capaz de elevar sua autoestima, pois se reconhece como herdeiro de um patrimônio cultural, além de servir como instrumento de reflexão acerca de questões que inquietam e amedrontam a criança, como a morte. Justamente, por isso, o texto literário atua como instrumento de emancipação pessoal e de formação do leitor.

**Palavras-chave:** Estética da recepção, leitor, leitura, contos populares.

**Resumen:** Este texto tiene como objetivo presentar una posibilidad de lectura de la obra *Contos de enganar a morte* (2003), de Ricardo Azevedo, en la que se considera el papel del lector y del lenguaje híbrido, resultante de la unión de dos discursos: el literario y la tradición popular. Para la consecución del objetivo, se pretende presentar una reflexión fundamentada en la estética de la recepción sobre lo que propicia el placer en la lectura y que elementos determinan el papel del lector implícito. Se formula, en este texto, la hipótesis de que la estrategia del escritor para recuperar la cultura, con la presentación de cuentos breves y cómicos, tomados del imaginario popular, lo que permite al lector tomar contacto con un texto atractivo y lúdico, y le posibilita ampliar conocimientos y conceptos previos, por medio del uso de la memoria. El análisis de esta obra se basa en la consideración de que la lectura literaria puede actuar como un factor para valorar la identidad del lector joven, ya que a través de ella, él es capaz de elevar su autoestima, pues se reconoce como heredero de un patrimonio cultural, y además le sirve como instrumento para reflexionar acerca de cuestiones que inquietan y asustan a la niñez, como la muerte. Precisamente por este motivo el texto literario actúa como instrumento de emancipación personal y de formación del lector.

**Palabras clave:** Estética de la recepción, lector, lectura, cuentos populares.

**Abstract:** This text aims to present a possibility of reading the book *Contos de enganar a morte* (2003), by Ricardo Azevedo, which considers the role of the reader and hybrid language, resulting from the union of two discourses: literary and popular tradition. In order to achieve the objective, it is intended to present a reflection based on the aesthetics of reception on what promotes pleasure in reading and what elements determine the role of the implicit reader. In this text, the hypothesis is formulated that the writer's strategy to recover the culture, with the presentation of short stories and comics, taken from the popular imagination, which allows the reader to make contact with an attractive and playful text, and makes it possible to expand previous knowledge and concepts, through the use of memory. The analysis of this work is based on the consideration that literary reading can act as a factor to value the identity of the young reader, since through it, he is able to raise his self-esteem, he is recognized as heir of a cultural heritage, and also serves as an instrument to reflect on issues that disturb and frighten children, such as death. Precisely for this reason the literary text acts as an instrument of personal emancipation and formation of the reader.

**Keywords:** Reception aesthetics, reader, reading, folktales.

Ferreira, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro e Bulhões, Ricardo Magalhães (2017).  
"As raízes populares na produção literária infantil e seus impactos no leitor: análise da obra *Contos de enganar a morte*, de Ricardo Azevedo".  
*Elos. Revista de Literatura Infantil e Juvenil*, 4, "Notas", 79-92. ISSN 2386-7620  
DOI <http://dx.doi.org/10.15304/elos.4.3699>

## Introdução

### Consoada

Quando a Indesejada das gentes chegar  
(Não sei se dura ou caroável),  
Talvez eu tenha medo.  
Talvez sorria, ou diga:  
— Alô, iniludível!  
O meu dia foi bom, pode a noite  
descer.  
(A noite com os seus sortilégios.)  
Encontrará lavrado o campo, a casa  
limpa,  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar.  
Manuel Bandeira  
(In: *Estrela da vida inteira*, 1993: 223)

80

A tradição oral que povoou nossa infância passou por diversas tipologias textuais, permeadas por histórias de encantamento, contos maravilhosos, de fadas, fábulas, crônicas, anedotas, piadas, ‘causos’ entre outros. O ato de contar histórias evidencia o importante papel da narrativa, como destaca Walter Benjamin (1986), na transmissão de experiências e valores mantidos pela tradição. Compondo o imaginário infantil, os contos populares ganham relevância por ilustrarem justamente situações vinculadas à cultura de um povo. Esse gênero se faz presente na obra *Contos de enganar a morte* (2003), de Ricardo José Duff Azevedo. Trata-se de um livro composto por quatro contos, que ilustram as influências da cultura popular na produção literária desse escritor e ilustrador.



Azevedo, que já possui mais de cem livros publicados, produziu parte deles na perspectiva folclórica, por meio do resgate de histórias da tradição popular. Desde a década de 1980, realiza pesquisas em busca de versões diversas de contos populares, a partir dos quais fundamenta seu processo de criação, isto é, cria sua própria versão e assume o papel de um contador de histórias. Ao trazer para seu texto a oralidade, busca interagir com o leitor, pois o projeta como um ‘ouvinte’. Desse modo, mimetiza o contador de contos populares na estruturação de textos claros, de comunicação rápida, com linguagem direta e concisa, procurando enfatizar temas passíveis de identificação e compartilhamento. Destacam-se, ainda, entre esses seus vários recursos, a narratividade e o humor. Na visão do autor, estudar a cultura popular não é apenas pesquisar fórmulas tradicionais ultrapassadas, mas buscar uma importante e viva referência para o estudo da literatura (Azevedo, 2012).

## As raízes populares na produção literária infantil e seus impactos no leitor: análise da obra *Contos de enganar a morte*, de Ricardo Azevedo

Ricardo Azevedo nasceu em São Paulo, em três de outubro de 1949. Bacharelou-se em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP e doutorou-se em Letras pela Universidade de São Paulo (Azevedo, site oficial, 2016; Coelho, 1995: 961). Sua tese, intitulada *Abençoado e danado do samba*: um estudo sobre o discurso popular, recebeu prêmio Jabuti na categoria de Teoria e Crítica Literária em 2014. Azevedo exerce tanto a profissão de escritor e ilustrador, quanto desenvolve pesquisas na área de literatura e ensino, música e cultura popular. Também atua como professor convidado em cursos de especialização em Arte-Educação e Literatura. Na área de crítica literária, publica artigos, livros e revistas, nos quais reflete sobre a formação do leitor e a literatura de ficção em âmbito escolar. Sua produção é reconhecida no campo literário e da ilustração, pois já recebeu prêmios diversos por seus livros, como Jabuti e APCA. Seus livros já foram traduzidos para vários idiomas e publicados em diferentes países como Alemanha, Portugal, México, França, Holanda e Costa Rica (Azevedo, site oficial, 2016).

O escritor tem-se dedicado cada vez mais à cultura popular, produzindo livros que aproximam o leitor desse imaginário. Entre seus muitos títulos publicados, vale destacar os que se enquadram na temática de cultura popular: *Brincando de adivinhar*, publicado em 1996; *Histórias folclóricas de medo e quebranto*, também em 1996; *Meu livro de folclore*, de 1997; *Armazém do folclore*, de 2000; *Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões*, de 2001; *Bazar do folclore*, também de 2001; *No meio da noite escura tem um pé de maravilha*, de 2002; *Histórias que o povo conta*, também de 2002; *Contos de enganar a morte*, de 2003; *Cultura da terra*, de 2004; *Contos de bichos do mato*, de 2005; *Contos de espanto e alumbramento*, também de 2005; *Contos de adivinhação*, de 2008; *Contos e lendas de um vale encantado – uma viagem pela cultura popular do vale do Paraíba*, de 2010 (Azevedo, site oficial, 2016; Enciclopédia Itaú Cultural, 2012).

Para Ricardo Azevedo, pelos contos populares, pode-se entrar em contato com temas relacionados à condição humana, como suas buscas, seus conflitos, paradoxos, suas transgressões e até ambiguidades (Azevedo, 2012). Já para o jovem leitor, a descoberta dessa potencialidade dos contos populares facilita a formação do gosto, além de tornar-lhe familiar os temas recorrentes desses contos, que também aparecem em romances, poesias, entre outros gêneros:

Perceber que há textos narrativos e textos não-narrativos assim como perceber que há textos marcados pela cultura escrita e textos marcados pela cultura oral, podem ser experiências interessantes para o leitor jovem, em fase de compreender a literatura e situar-se diante dela. (Azevedo, 2012: 07)



Conforme Azevedo (2012), os contos populares, embora sejam ficção e contenham aspectos mágicos e de encantamento, nem de longe deixam de abordar a vida concreta e de especular sobre ela. Em seus enredos, pode-se deparar com personagens que lidam com charadas, enigmas, adivinhações, injustiças, ódios, ciúmes, mentiras, vaidades, invejas, traições, assédio sexual, pedofilia, transgressões, rejeição, sofrimento, miséria, problemas de saúde e até com a morte. Suas personagens podem ser representadas pelo cidadão comum, pelo malandro, pelo sábio, por nobres, pelo tolo, de todas as idades. Este, mesmo ingênuo, costuma ter êxito em suas empreitadas, conferindo coragem aos mais fracos que nele se projetam durante a leitura. Há também os heróis altruístas que arriscam sua vida em favor do bem comum, dos interesses da coletividade, tentam enganar a morte, fazem pacto com o diabo. Pode haver, ainda, animais que falam e se comportam como gente. Homens metamorfoseados por feitiços diversos em animais ou monstros, ou pedras.

Por meio do resgate e da recriação da cultura popular, a estratégia adotada pelo escritor, que permite ao leitor deparar-se com textos atraentes e lúdicos, facultando-lhe, pelo emprego da memória, ampliar conhecimentos e conceitos, impulsionou a proposta de apresentar neste texto uma análise do livro *Contos de enganar a morte* (2003), com um olhar voltado ao papel do leitor e à linguagem híbrida, resultante da junção dos dois discursos, o literário e o da tradição popular. Ancorado nos princípios da estética da recepção como viés teórico, este estudo pretendeu identificar os fatores responsáveis pelo prazer na leitura e os que determinam o papel do leitor implícito (Iser, 1996, 1999). A análise da obra se fundamenta no conceito de que a leitura pode atuar como elemento capaz de contribuir para a valoração da identidade do jovem leitor, de elevar sua autoestima ao se reconhecer como um herdeiro de todo um patrimônio cultural, além de despertar-lhe a reflexão sobre questões que inquietam e amedrontam, como a morte.

Antonio Candido (1999: 84) lembra que “[...] as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos”. De fato, o texto literário é instrumento de formação do leitor e de emancipação pessoal, já que pode mexer com as nossas camadas mais profundas, justamente porque se afasta do ponto de vista estritamente pedagógico. As já cristalizadas histórias sobre a morte, por exemplo, são contadas no livro *Contos de enganar a morte* (2003) com autenticidade e certo toque de malícia e, desse modo, Azevedo consegue se aproximar das angústias e temores dos jovens leitores.



## As raízes populares na produção literária infantil e seus impactos no leitor: análise da obra *Contos de enganar a morte*, de Ricardo Azevedo

### As classificações do conto popular

Sabe-se que a narrativa está associada à transmissão de experiências mantidas pela tradição, visto que sua gênese remonta à oralidade, à arte de contar histórias. O teórico francês André Jolles (1976) considera a existência de formas de narratividade distintas: as formas simples e as formas cultas. Na primeira categoria, enquadram-se o mito, o conto popular, o provérbio, o 'causo', a anedota e tantos outros gêneros em meio à heterogeneidade dos textos com que nos defrontamos. Trata-se de criações coletivas, associadas às raízes culturais de um povo e que, geralmente, são transmitidas pela oralidade. Já as formas cultas, representadas por novelas, romances, contos e crônicas, são criações individuais, obras de arte consagradas que revelam preocupação estética.

Para o jovem leitor, conhecer os diferentes gêneros literários é um meio facilitador para sua interação com diferentes aspectos culturais do conhecimento humano, bem como para a reflexão sobre eles, e esta lhe possibilita a ampliação dos seus horizontes de expectativa (Iser, 1999). Essa ampliação pode ocorrer também em relação a temas abordados em um livro, pois segundo Azevedo (2012: 08):

É muito bom quando alguém – principalmente se for um jovem – descobre que, além de regras, informações e lições, um livro pode abordar os temas da vida humana concreta. Terá, creio, uma boa chance de tornar-se um leitor e, mais, cheio de entusiasmo diante do que leu, indicará o texto a seus amigos, contribuindo assim para a formação de outros leitores.

Hoje, a excessiva exposição e visibilidade de certas manifestações culturais no mercado de bens simbólicos, bem como em mídias das mais diferentes inserções não têm contemplado as culturas populares locais ou regionais. Dentro desse contexto, a escolha pelos gêneros provenientes da oralidade se justifica, posto que a dialogia entre as produções de povos diversos emerge da percepção das manifestações culturais como uma prática social que remete a outros textos e a outras leituras. Quando esse diálogo entre obras e manifestações culturais é detectado pelo sujeito, transforma o espaço de debates e discussões em local de expressões de interpretações diversas. Assim, por meio de seus relatos, pode-se perceber que cada sujeito possui, acerca de uma manifestação cultural ou de um texto, uma interpretação diversa,

proveniente de seu referencial artístico e cultural e de suas experiências individuais, e esta merece, pois, consideração.

As produções regionais e populares têm recebido críticas que, em sua maior parte, desconsideram a complexidade na produção de bens culturais nas sociedades tecnológicas contemporâneas e seus modos de circulação. Tais julgamentos simbolizam esta cisão que afeta, ainda hoje, conforme João Luís Ceccantini (2005), o universo da cultura, dividido entre erudita e de massa; alta e baixa; arte e indústria cultural, entre outras. Essas dicotomias presentes no debate cultural são indicadoras de uma posição maniqueísta responsável pela divisão na produção cultural.

Todavia, visualizou-se, neste estudo, a cultura em todas as suas manifestações sociais, sobretudo em suas relações dialógicas, reconhecendo-se a importância de seu estudo e conhecimento. O ponto de partida para esta investigação foi o pressuposto de que a comunicação ocorre quando há interpretação, interação. No que se refere à interação texto e leitor, só haverá interpretação se este projetar a expectativa e a memória, uma sobre a outra. Cabe à leitura, segundo Iser (1996), promover sínteses que constituirão correlatos e estes, por sua vez, impulsionarão expectativas, processo por que o receptor atualiza e modifica o objeto. Assim, alternando “[...] o ponto de vista de uma perspectiva de apresentação para outra, o texto se divide na estrutura de protensão e retenção [...]”, ou seja, antecipação e retomada (Iser, 1999: 55).

Em contraposição a estudiosos que, pela riqueza cultural incorporada pelos contos populares e sua tendência à fusão de múltiplos elementos, optaram por não classificá-los, adota-se, neste texto, por questões metodológicas, a sistematização de Câmara Cascudo (2001: 21-22; 1984: 263-333), que os classifica em doze modalidades. Tal decisão foi movida pelo anseio de apresentar parâmetros que facilitem ao leitor o reconhecimento de motivos constantes em alguns contos, justamente os quais levaram Cascudo (2001, 1984) a denominá-los como sendo: de **encantamento** –dotados de elementos mágicos, como os contos de fadas; de **exemplo** –com enredo de simples e fabulação, em que o elemento natural oferece conselho para o sucesso de uma empreitada, a proteção à vida, a manutenção da honra e da paz social; de **animais** –em que os animais representam seres humanos; trata-se de narrativas com finalidade educacional, que privilegiam, entretanto, a esperteza e a habilidade dos mais fracos e humildes sobrepondo-os aos arrogantes e dominadores; **facécias** –agregam anedotas e piadas jocosas, caracterizadas pela constante psicológica da imprevisibilidade na palavra, na atitude de uma personagem e no desfecho; **religiosos** –sofrem intervenção divina, aparição de Nossa




## As raízes populares na produção literária infantil e seus impactos no leitor: análise da obra *Contos de enganar a morte*, de Ricardo Azevedo

Senhora, de santos entre outros elementos do imaginário cristão; **etiológicos** – criados para explicar aspectos de certos entes naturais; de **demônio logrado** – há a intervenção do diabo, que perde a aposta e é derrotado; de **adivinhação** – em que a vitória do herói depende da resolução de um enigma; de **natureza denunciante** – em que elementos naturais auxiliam na revelação de um ato criminoso; **acumulativos** – com episódios sucessivamente articulados, marcados pela retomada e acréscimo de um dado novo; de **ciclo da morte** – em que se apresenta a tentativa de enganar a morte com artimanhas e astúcia, porém ela vence; e de **tradição** – com elementos que retratam as tradições do local da narração, como motivos, ambientes, pormenores típicos, situações psicológicas.

Acredita-se, neste texto, em consonância com Plínio Rogenes França Dias (2009), que o trabalho de forma crítica com a tradição literária dos contos populares amplia o imaginário do leitor, além de lhe permitir atribuir maior intencionalidade à fantasia, bem como expô-la sem limitações.

### O livro em questão



O livro *Contos de enganar a morte* (2003), de Ricardo Azevedo, recebeu o Prêmio Jabuti em 2004, ficando em segundo lugar na categoria infantojuvenil. A indistinção entre as categorias infantil e juvenil justifica a posição assumida por estudiosos do livro, que ora o classificam como de literatura infantil, ora como juvenil. Como se trata de uma obra literária, concordamos com Antonio Candido (1995) quando este afirma que literatura não deveria ter rótulos, pois um texto de qualidade estética direciona-se a todas as idades. Além disso, o conto popular, pelas suas temáticas e pela sua linguagem dotada de humor e criticidade, pode ser lido por sujeitos de diferentes idades e diversas realidades, escapando a categorizações de público específico. Pelo olhar do mediador, entretanto, vale destacar que a beleza da obra está justamente em agradar tanto ao público juvenil, quanto ao infantil. Assim, justifica-se classificá-la como infantojuvenil.

*Contos de enganar a morte* (2003) consegue sintetizar em quatro histórias, de forma literária, elementos da tradição e da contemporaneidade. Seus contos relatam diferentes peripécias de heróis que não querem morrer e, justamente por isso, utilizam de artimanhas para escapar da “indesejada de todas as gentes”, da qual tratou Manuel Bandeira (2016) em seu poema “Consoada”, de nossa epígrafe.

A estrutura narrativa dessas histórias define-se pela repetição, recurso comum no gênero cômico, conforme Alice A. P. Martha (2011). Suas personagens envolvem-se em problemas cotidianos, enfrentando dificuldades diversas, como miséria, excesso de filhos e doença. Assim, no texto intitulado “O homem que enxergava a morte” (Azevedo, 2003: 9-20), o sétimo filho do homem miserável vai nascer e não há quem o batize. No enredo, pode-se perceber a estrutura cíclica que caracteriza o livro como um todo e o insere na estrutura do conto popular.

Nas quatro narrativas que compõem o livro, há uma situação inicial de dificuldade quebrada, logo na sequência, pela presença do elemento mágico: a personagem Morte, que aparece subitamente. No início, matreira, torna-se cúmplice de quem está em apuros e estabelece uma situação inicial de equilíbrio. No decorrer da história, revela-se maliciosa e traiçoeira, na medida em que ela protege para depois, com o passar do tempo, decretar o fim da vida. Os contos possuem essa dinâmica dramática, repetida de forma linear. Nota-se que, nos textos, prevalece a repetição de situações, de circunstâncias, no caso, da impossibilidade de fugir dos ardis da morte ou de parar o tempo, que leva ao envelhecimento e até a ela. A luta dos heróis contra o inevitável, ora cativa, ora entenece, ora diverte o leitor por meio do cômico na estrutura das narrativas. Suas personagens apresentam marcas comuns, como a carência e a pobreza, além de uma característica muito humana: o medo da morte. Como na vida, também nas narrativas, o herói não é poupado: a morte atinge seus objetivos, apesar das peripécias que tentam frustrá-los e movimentam o enredo para a delícia dos jovens leitores.



Azevedo recupera a tradição popular na produção para crianças e jovens, produzindo textos em uma literatura capaz de seduzi-los, propondo-lhes, ao mesmo tempo, a reflexão sobre suas origens e tradições, de modo a resgatar, no passado da cultura, sua participação nas manifestações do presente. Após essas considerações teóricas sobre a totalidade da obra aqui analisada, examinemos um dos contos do livro: “A Quase Morte de Zé Malandro”, identificando características comuns às classificações de Câmara Cascudo (1984, 2001).

### **A quase morte**

Com o conto “A Quase Morte de Zé Malandro”, Ricardo Azevedo (2003: 45-56) oferece um exemplo concreto de como os contos populares revelam, deixam vaziar uma técnica de exposição simples, que segue uma sequência lógica para narrar o conflito. O conto é quase todo construído pela fala das personagens, o narrador aparece pouquíssimas vezes para oferecer elementos introdutórios. Assim, podemos ver logo no primeiro parágrafo (Azevedo, 2003: 47):



## As raízes populares na produção literária infantil e seus impactos no leitor: análise da obra *Contos de enganar a morte*, de Ricardo Azevedo

Zé Malandro era boa pessoa, mas malandro que nem ele só. Em vez de trabalhar como todo mundo, preferia passar a vida zanzando e jogando baralho. Ou então ficava deitado na rede, folgado, tocando viola de papo para o ar. Por causa disso era pobre, pobre, pobre.

Como se pode notar, a partir do trecho acima, a narrativa recebe um tratamento característico dos contos populares. Zé Malandro é uma figura comum, ligada ao imaginário coletivo, não há, portanto, uma descrição particularizante da sua imagem. A personagem central tem sua identidade traçada a partir de duas características: a malandragem e a preguiça. Pode-se perceber que esse estereótipo malandro-preguiçoso, imagem já consagrada pelo gosto popular e da qual o narrador se apropria, concretiza-se logo no início da narrativa. Vale lembrar que a linguagem também segue um modelo preestabelecido, ela se mostra musical e recitativa por meio de expressões como: ‘malandro que nem ele só’ ou mesmo ‘era pobre, pobre, pobre’.

Logo em seguida, o texto é estruturado dentro das convenções necessárias que caracterizam a técnica da narrativa popular. Câmara Cascudo (1984) aponta algumas fórmulas cristalizadas de se criar uma expectativa inicial com expressões como: ‘era uma vez’. O resultado por essa opção de condução da narrativa, de aproximação do leitor com o objeto, por meio dessas fórmulas, próprias do conto de encantamento, é perceptível no segundo parágrafo, no momento em que Zé Malandro se depara, pela primeira vez, com o desconhecido (Azevedo, 2003: 47): “Certo dia, estava em casa preparando o jantar, um pouquinho de feijão e um pedaço de pão seco, quando bateram na porta. Era um viajante”. Trata-se da situação inicial, em que Zé encontra o divino, no caso, São Pedro, sem que o saiba.

O homem, muito velho, pede um pouco de comida, e Zé Malandro o atende, dizendo prontamente (Azevedo, 2003: 47): “Entre aí”. Depois, sentencia: “Onde um quase não come, dois quase não vão comer também”. Note-se que há na fala do protagonista, sob a forma de trocadilho de uma frase popular, uma voz sarcástica, irônica, que aproxima o texto dos contos de facécias. Como bem lembra Vladimir Propp (1992: 125), “[...] a ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade”.

Há uma sucessão superposta de diálogos cômicos situando o conto de Azevedo em uma zona de afinidade com os ‘causos’ e seus paradoxos que criam a empatia inicial e nos revelam, parafraseando Propp (1992), que a comicidade depende tanto dos meios linguísticos, quanto daquilo que eles exprimem.



Vejam alguns fragmentos que apontam para essa direção (Azevedo, 2003: 47): “Após o jantar, o viajante agradeceu muito e contou que tinha poderes mágicos”. Em seguida, estabelecem um diálogo (Azevedo, 2003: 47): “– Você foi muito generoso [...]. – Em retribuição podeme fazer quatro pedidos. Por exemplo [...] –, se quiser, pode pedir para ser protegido pelo resto da vida”. Mas o malandro pensou e disse (Azevedo, 2003: 48): “– Prefiro ter o dom de ser invencível no baralho”.

No fragmento acima, vale atentar para o caráter despretensioso de Zé Malandro, que exprime um desejo tolo, na linha do ‘causo’, pois aparentemente despropositado – como ser invencível no baralho –, mas que posteriormente justifica-seno centro da intriga pelo desenrolar da história. Há no texto de Azevedo (2003) um brincar, uma espécie de disputa, de peleja entre a figura de Zé Malandro e a do velho viajante, o que torna a narrativa verossímil no plano ficcional dos contos populares.

Outra questão que merece atenção é a figura misteriosa do velho viajante, que aparece do nada, de repente, trazendo em si um sentido simbólico, misterioso. Como nos contos de fadas, essa personagem fornece elementos mágicos ao herói para que ele vença em suas batalhas. Os acontecimentos aproximam-se do maravilhoso fabular e do conto religioso, pois, ao término da narrativa, o leitor descobre que era São Pedro disfarçado, oferecendo a redenção a Zé. Para tanto, o santo lhe concede três pedidos. Todavia, como o herói filia-se ao imediatismo, seus pedidos dizem respeito ao momento. A satisfação deles visa a conceder ao herói elementos para ludibriar, enganar e prender seus inimigos. Assim, depois de atender os três pedidos de Zé Malandro – uma figueira, na qual quem subisse só desceria com sua ordem; um banco, do qual só se levantaria com sua permissão; e um saco de pano, de onde só seria possível sair se o malandro permitisse –, o misterioso viajante coça a cabeça, despede-se de Zé e segue viagem.

A figueira virou árvore frondosa e Zé Malandro envelheceu. O conto tematiza a percepção pela passagem do tempo (Azevedo, 2003: 48) – “Mas o tempo é invisível. Passa dia e noite e ninguém vê”. A figueira frondosa simboliza, então, a transitoriedade da vida. Não há no decorrer da narração pausas descritivas ou digressões. Há uma coincidência entre os acontecimentos da diegese e o relato dos fatos. Este é o principal indicativo de que o tempo passa rápido, muito rápido. Como os eventos acontecem no momento em que são relatados e o relato, por sua vez, está permeado de diálogos, a velocidade do fluxo narrativo mimetiza esse tempo veloz.

De repente, Zé Malandro recebe a inconveniente visita da personagem Morte (Azevedo, 2003: 50): “Certa noite, bateram na porta de sua casa. Era a Morte vestida com uma



## As raízes populares na produção literária infantil e seus impactos no leitor: análise da obra *Contos de enganar a morte*, de Ricardo Azevedo

capa preta”. Como amiga íntima dos mortais, ela diz (Azevedo, 2003: 50): “– Zé, pode se preparar. Sua hora chegou [...]”. Essa ameaça, no entanto, não o desestabiliza emocionalmente, pois Zé Malandro sabe jogar, é bom de baralho, por isso tenta transgredir as normas e consegue ludibriar a Morte, dizendo que gostaria de comer um figo antes de morrer. Argumenta que, devido à idade, não conseguiria trepar na árvore e pede (Azevedo, 2003: 50): “– Por favor, dona Morte, faça isso por mim! É o último desejo de um pobre velho miserável raquítico esclerosado caindo aos pedaços!”. Embaraçada, a Morte atende, prontamente, o pedido do velho, sobe na árvore, arranca o figo e não consegue mais descer.

A astúcia de Zé Malandro, fazendo troças com a personagem Morte, nunca esteve tão aguçada. Mas, com a Morte aprisionada no alto da figueira, a confusão passa a ser geral. Vários problemas e situações inverossímeis aparecem: como ninguém mais morre, os coveiros ficaram sem trabalho, os médicos perdem a clientela, as pessoas não se aposentam, enfim, surge agora uma situação paradoxal.

O aprisionamento da Morte provoca uma situação de desequilíbrio, pois a vida fica sem graça, uma morte em vida. Diante de tal encruzilhada, Zé Malandro volta atrás, cede, deixa a morte descer, mas antes negocia mais sete anos de vida. Ao término destes, a Morte envia o Diabo para levá-lo, mas este também é ludibriado, ficando preso no banco. Disso advêm também problemas de natureza social: acabam-se os crimes e, com as cadeias vazias, os delegados, guardas, advogados e juízes temem perder seus empregos. Como as pessoas só falavam a verdade, há muita discussão e confusão, enfim discórdia, pois, conforme o narrador (Azevedo, 2003: 53) “[...] as verdades são muitas”. Outro trato é feito, ao término dele, o Diabo retorna, agora, com a infernal esposa. Contudo, ludibriados, são presos no saco. No final de um ano, Zé cansou, libertou os diabos e já bem velho e cansado (Azevedo, 2003: 56) “[...] entregou a rapadura”.

Além dos aspectos melódicos do texto que retomam o ritmo do linguajar oral do povo nordestino, as expressões utilizadas por Ricardo Azevedo conferem cor local e comicidade ao texto. O leitor de sua obra delicia-se com as situações inusitadas e seus anti-heróis que montam estratégias para enganar a morte. Assim, os textos do livro aproximam-se dos contos categorizados como de **ciclo da morte**.

Como se pode notar pelo texto analisado, Ricardo Azevedo (2003), por meio do humor, emancipa seu leitor, levando-o a refletir sobre a própria condição humana: a finitude, o



que justifica a epígrafe que abre este artigo. Além disso, pela leitura, ele amplia seus conceitos prévios acerca da negatividade da morte e da positividade da verdade. Pela leitura, o jovem percebe que a morte é parte integrante da vida e a verdade, no convívio social, não é absoluta, nem exclusiva, antes relativa, pois depende do ponto de vista de quem a concebe.

### **Considerações finais**

A obra *Contos de enganar a morte* (2003) projeta um leitor astuto, com capacidade de dedução, analogia e síntese, sobretudo, capaz de reconhecer que os planos do herói projetados para enganar a Morte, embora tenham sucesso a princípio, não podem assegurar-lhe definitivamente a imunidade perante ela. Assim, encantam o leitor enquanto peripécias e o aliviam pelo riso do medo da finitude.

Em seus contos, prevalece a repetição de situações, de circunstâncias, no caso, da impossibilidade de fugir dos ardis da morte ou de parar o tempo, que leva ao envelhecimento e até a ela. A luta dos heróis contra o inevitável, ora cativa, ora entenece, ora diverte o leitor, por meio do cômico na estrutura das narrativas. Suas personagens apresentam marcas comuns, como a carência e a pobreza, além de uma característica muito humana: o medo de morrer. Como na vida, também nas narrativas, o herói não é poupado: a morte atinge seus objetivos, mesmo que condene o herói a uma morte em vida.

Pode-se concluir, pela leitura da obra, que o conhecimento dos diferentes gêneros literários possibilita ao leitor apropriar-se de sua herança cultural. Pelos princípios da estética da recepção, os contos de Azevedo possuem potencialidades que podem propiciar o prazer na leitura para o jovem leitor, porque o consideram, estabelecem interação e comunicabilidade com esse receptor.

A produção de Azevedo (2003) resulta, no seu resgate da cultura popular, em recriação estética, permitindo ao leitor contato com textos atraentes e lúdicos que o convocam à revisão de conceitos prévios, facultando a ampliação de seus conhecimentos por meio do emprego da memória. Durante a leitura, solicita-se do jovem o exercício da antecipação e da retomada e, sobretudo, da síntese, pois ele precisa acompanhar o herói em seus planos dirigidos para o futuro, imaginar seu desenlace, ver a concretização da maioria deles e lembrar suas finalidades. Com efeito, essa interatividade com o texto assegura o papel produtivo do jovem leitor, o que lhe confere prazer na leitura.



## As raízes populares na produção literária infantil e seus impactos no leitor: análise da obra *Contos de enganar a morte*, de Ricardo Azevedo

Para esse leitor, o livro de Azevedo (2003) humaniza. Esse processo ocorre, conforme Candido (1995: 249), porque os textos do escritor conduzem ao exercício da reflexão, à aquisição do saber, ao afinamento das emoções, à capacidade de percepção da complexidade do mundo e dos seres, e ao cultivo do humor. Especialmente, pelo riso, o jovem pode notar que é preciso leveza e maturidade para lidar com o inevitável, com aquilo que inquieta e amedronta, como a morte, pois, parafraseando o conto popular, 'o que não tem remédio, remediado está'. Em síntese, a leitura da obra de Azevedo (2003) pode levar à reflexão, à emancipação e à produção do efeito de humor, apaziguando assim as angústias.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Ricardo (2012a). "Conto popular, literatura e formação de leitores". Consultado em 11 junho 2012, <http://ricardoazevedo.com.br/Artigo13Contos.htm>
- AZEVEDO, Ricardo (site oficial) (2012b). Consultado em 22 de outubro de 2016, <http://www.ricardoazevedo.com.br/ricardo-azevedo/>
- AZEVEDO, Ricardo (2003). *Contos de enganar a morte*. Ilustr. Ricardo Azevedo. São Paulo: Ática.
- BANDEIRA, Manuel (1993). "Consoada". In: *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 223.
- BENJAMIN, Walter (1986). *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Trad. S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- CANDIDO, Antonio (1995). *Vários escritos*. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades.
- CANDIDO, Antonio (1999). "A literatura e a formação do homem". In: *Texto de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34.
- CASCUDO, Luis Câmara (1984). *Literatura oral no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP.
- CASCUDO, Luis Câmara (2001). *Contos Tradicionais do Brasil*. 9.ed. São Paulo: Global.
- CECCANTINI, João Luís C. T. (org.) (2005). "Leitores de Harry Potter: do negócio à negociação". In: Retenmaier, Miguel; Jacoby, Sissa (orgs.). *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UPF, pp.23-52.



- COELHO, Nelly Novaes (1995). *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- DIAS, Plínio R. França (2009). “Um conto popular: da oralidade à mídia”. Consultado em 2 de novembro de 2009, <http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/78/1535.pdf>
- ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL (2012). “Ricardo Azevedo (biografia)”. Consultado em 2 de setembro de 2012, <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4551/ricardo-azevedo>
- ISER, Wolfgang (1996). *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34.
- ISER, Wolfgang (1999). *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34.
- JOLLES, André (1976). *Formas simples*. Tradução da própria editora. São Paulo: Cultrix.
- MARTHA, Alice Áurea P. (2011). “Temas e Formas da Narrativa Juvenil Brasileira Contemporânea”. In: *Anais do SILEL*. Vol. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, pp.1-9.
- PROPP, Vladímir (1992). *Comicidade e riso*. Trad. Aurora F. Berardini e Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática.

